

Imigrantes e desempregados encaminhados para o Alentejo

Estudo alerta que concentração tão elevada de trabalhadores estrangeiros pode gerar tensões sociais e habitação precária

Carlos Dias

● Cerca de 30 mil imigrantes são esperados no Baixo Alentejo para suprir as carências de mão-de-obra indiferenciada que os grandes projectos programados para a região vão necessitar a curto prazo, aponta como principal conclusão a conferência *Imigração no Baixo Alentejo*, realizada em Beja.

Maria Ioannis Baganha, investigadora no Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, concluiu que as necessidades de mão-de-obra naquela região serão supridas com três tipos de imigrantes: os cidadãos estrangeiros residentes em Portugal, mas que, “devido à prolongada recessão económica do sector da construção civil e obras públicas” no país, procuraram trabalho no mercado espanhol, que agora se encontra em re-

processo; os imigrantes provenientes dos novos países da União Europeia, sobretudo romenos, que deambulam pelo mercado europeu à procura de trabalho, e imigrantes de outras proveniências que tenham entrado no Espaço Schengen com visto de curta duração, mas que podem solicitar a sua regularização ao abrigo da Lei n.º 23/2007.

Também a comunidade brasileira e os portugueses desempregados de todo o país são encarados como potenciais fluxos migratórios que podem vir a preencher as necessidades de mão-de-obra no distrito de Beja.

Brasileiros em força

Outra das conclusões do debate sustenta que o fluxo migratório para Portugal está a mudar. Hoje, a maior parte dos imigrantes na região são brasileiros que substituem os naturais dos países leste-europeus.

Dados provisórios do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, relativos a 2007, referem que a comunidade brasileira é a mais representativa no distrito de Beja, com quase 690 residentes, seguida da ucraniana, com 639, a romena, com 584, e a búlgara, com 492 indivíduos de ambos os sexos. Cerca de dois terços do total da mão-de-obra imigrante trabalha na agricultura e construção civil.

Alberto Matos, da associação Solidariedade Imigrante, admite que aos cerca de 7000 trabalhadores imigrantes que estão legalizados no distrito de Beja se devem juntar “mais de um terço deste número, mas ilegais”.

Ioannis Baganha alerta para os “impactos mais previsíveis” associados à vinda da nova onda de imigrantes, cujos efeitos se farão sentir “no sector da habitação”, nomeadamente no mercado de arrendamento e no “segmento mais baixo do mercado”, admitindo o aparecimento de “habitações precárias”.

Aludindo às consequências de um previsível choque cultural, a investigadora sustenta que se poderá “agravar a tensão social” entre os naturais da região e os imigrantes, que pode vir a redundar num problema “grave de difícil solução”.

Projectos de Alqueva, Beja e Sines requerem muita mão-de-obra



Grandes projectos



A investigadora de Coimbra sustenta que, a médio prazo, e concluídos os projectos para o distrito de Beja (aeroporto, regadio de Alqueva e ampliação do complexo de Sines), uma parte destes imigrantes abandonará a região, e outros se fixarão, iniciando-se um processo de reunificação familiar, como está a acontecer com os ucranianos que ficaram em Portugal, do fluxo iniciado em 2001. Mas diz não ter dúvidas que a mão-de-obra “tem servido para manter artificialmente baixos os salários”, enquanto os lucros desta prática foram “desmesurados”.

Modo de sustento sazonal

De Alqueva para a apanha da azeitona

● Concluídas as obras da Barragem de Alqueva, boa parte dos imigrantes africanos que ali trabalhou partiu para outras paragens. Dos que eram oriundos do Leste europeu, sobretudo romenos, “alguns ficaram pelos montes, seduzidos pelos olivais e laranjais”, conta Antónia Baião, dirigente de uma cooperativa em Moura que dá apoio aos imigrantes. As dificuldades em encontrar mão-de-obra local incentivou os imigrantes que ficaram a procurar na apanha da azeitona o seu modo de sustento sazonal, tarefa que intercalam com a apanha de fruta na Suíça.

Em 2007, cerca de 40 empresários ocuparam na apanha da azeitona 184

cidadãos romenos no concelho de Moura. Mesmo assim, os braços de trabalho não chegam, obrigando a Cooperativa Agrícola de Moura e Barrancos a procurar mão-de-obra naquele país do Leste europeu, mas sem grande sucesso. Um dirigente da cooperativa considera que a solução passa por “aproveitar os imigrantes que já estão no Alentejo”.



A apanha da azeitona é uma das actividades sazonais dos trabalhadores imigrantes, especialmente os romenos

A necessidade de mão-de-obra imigrante numa região onde persiste uma elevada taxa de desemprego pode parecer um paradoxo. Com efeito, dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional relativos a 2008 revelam que o número de desempregados na região do Alentejo é de 18.600, parte significativa dos quais é feminina, “não-qualificada” e está condicionada por uma “elevada taxa etária”. No escalão mais jovem cerca de cinco por cento de recém-licenciados vêm recusada a sua entrada no mercado de trabalho porque as empresas locais exigem, cada vez mais, mão-de-obra qualificada.